



sala preta
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v19i2p110-124

História da Cena

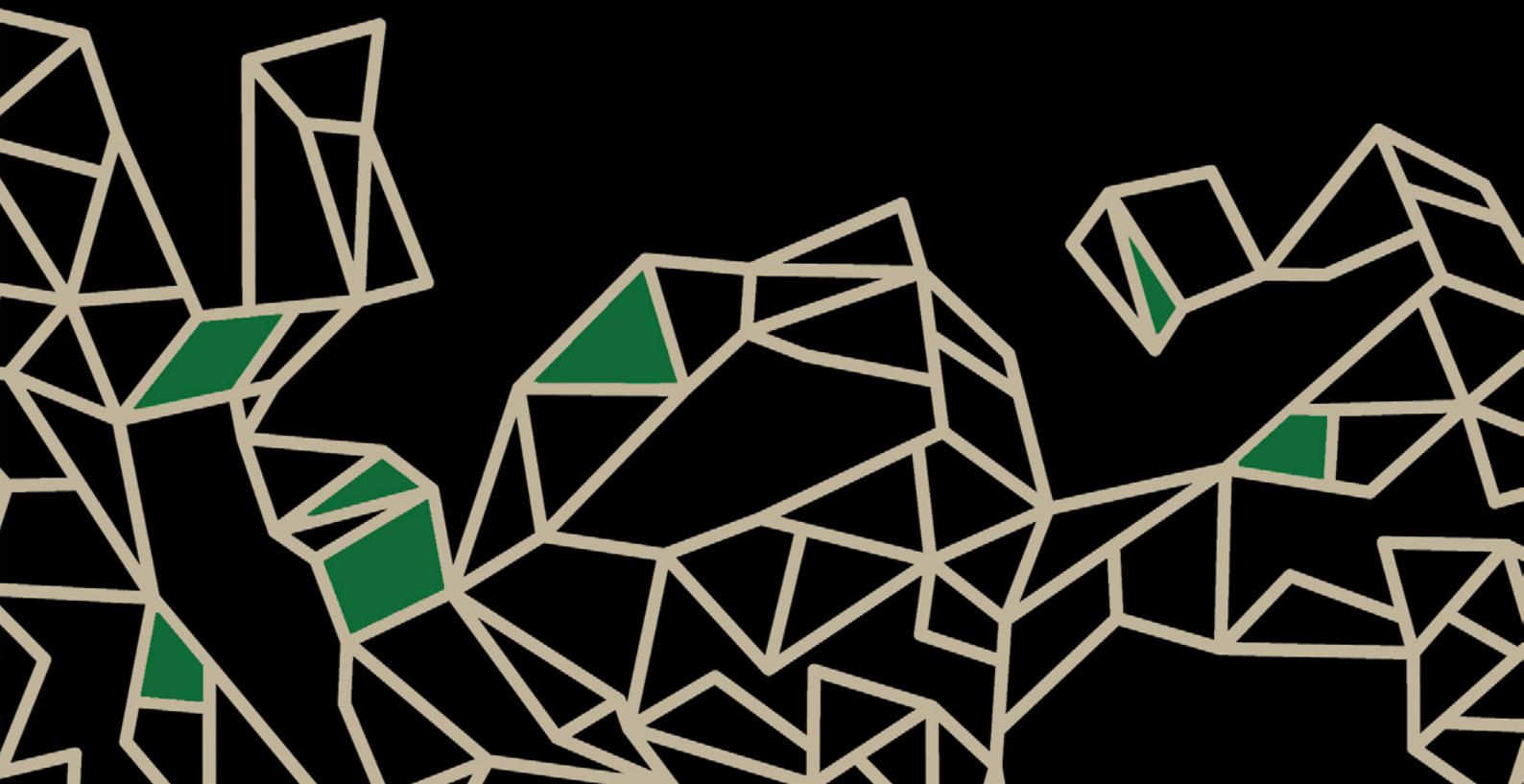
Do teatro, uma terapia: o Centro de Estudos Macunaíma e a criação da somaterapia de Roberto Freire nos anos 1970

*From the theater, a therapy:
the Centro de Estudos Macunaíma and the creation
of Roberto Freire's somaterapia in the '70s*

Giovan Sehn Ferraz

Giovan Sehn Ferraz

Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com
bolsa de fomento da Capes.



Resumo

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, na qual procuramos compreender como uma técnica terapêutica de pretensão anarquista e científica, a somaterapia de Roberto Freire, surgiu e se desenvolveu a partir do cenário contracultural dos anos 1970. Neste artigo, discutimos os processos de memória em torno da criação da somaterapia, problematizando incongruências e procurando demonstrar o caráter basilar da influência do Centro de Estudos Macunaíma na criação e no desenvolvimento dessa técnica terapêutica. Para analisar os processos de memória emergentes nas fontes, compostas principalmente pelas obras de Freire e somaterapeutas ou simpatizantes, utilizamo-nos especialmente dos aportes teóricos de Bourdieu, Pollak e Catroga.

Palavras-chave: Somaterapia, Roberto Freire, Macunaíma, Contracultura.

Abstract

This study is part of a larger research, in which we seek to understand how a therapy of anarchist and scientific aspiration, the *somaterapia* of Roberto Freire, arose and developed from the counterculture scenario of the '70s. In this article, we discuss the memory process involved in the creation of somaterapia, problematizing incongruities and trying to demonstrate the basilar character of the influence exerted by the Centro de Estudos Macunaíma on the creation and development of this therapy. In order to analyze the emerging memory processes in the data sources, composed mainly by the works of Freire and *somaterapeutas* or sympathizers, we use the theoretical contributions of Bourdieu, Pollak and Catroga.

Keywords: Somaterapia, Roberto Freire, Macunaíma, Counterculture.

Introdução

No início dos anos 1970, um conhecido nome do campo teatral brasileiro foi responsável pela criação de uma peculiar técnica terapêutica. Formulada a partir da pesquisa de exercícios teatrais para o desbloqueio da criatividade de atores no Centro de Estudos Macunaíma, a somaterapia



de Roberto Freire foi desenvolvida sobre uma eclética síntese de diversos elementos, dos quais o teatro é certamente um dos mais marcantes.

Segundo seu idealizador, a terapia nasceu a partir de seu contato pessoal com a técnica teatral do grupo estadunidense Living Theater, em seu espetáculo *Paradise now*, baseada nas teorias de Wilhelm Reich. A somaterapia, segundo Freire e seus seguidores, busca libertar o indivíduo da neurose e das coraças musculares causadas pela sociedade repressora através de dinâmicas corporais e jogos teatrais (FREIRE, 1988; 1991; 2002; MATA, 2006a).

Nas fontes analisadas em nossa pesquisa¹, a história da criação dessa técnica terapêutica é sempre referenciada em uma espécie de “mito de origem” ou “acontecimento fundador” (NORA, 1993, p. 25). Isto é, a história da somaterapia que apreendemos pelas obras de Freire e de somaterapeutas e simpatizantes consiste, naturalmente, de construções narrativas posteriores aos fatos, as quais, ao olhar para o passado, procuram uma ordem coerente no emaranhado de acontecimentos que compõem os fatores desencadeantes do processo de formação dessa técnica terapêutica (BOURDIEU, 1996).

Ao longo da trajetória da somaterapia, por meio das obras de seu criador, bem como de outras fontes, percebemos discursos que por vezes diminuem o impacto da influência do teatro, enfatizando outros elementos ou mesmo colocando a somaterapia como anterior às pesquisas realizadas no Centro de Estudos Macunaíma. Neste breve trabalho, apresentaremos um pouco das discussões realizadas em nossa pesquisa², focando o debate na análise desses discursos e da influência do campo teatral na formulação dessa técnica terapêutica.

1 Além da obra bibliográfica de Roberto Freire, analisamos também trabalhos acadêmicos de somaterapeutas e simpatizantes, publicações e endereços eletrônicos relativos à somaterapia, além de matérias, anúncios e referências a Roberto Freire e à somaterapia encontradas na imprensa.

2 Nossa pesquisa, intitulada *Somaterapia e contracultura: criação e desenvolvimento de uma técnica terapêutica no Brasil dos anos 1970* (FERRAZ, 2018b), foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação de Beatriz Teixeira Weber, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Essa pesquisa visou compreender como a somaterapia, uma técnica terapêutica de pretensão anarquista e científica, surgiu e se desenvolveu a partir do ideário contracultural dos anos 1970.

A ilusão biográfica e a construção de uma memória da somaterapia

O “mito de origem” da somaterapia, ao qual nos referimos anteriormente, remete ao encontro de Freire com a obra de Wilhelm Reich³, cujas teorias constituiriam sua principal base científica. Com algumas poucas variações, esse episódio é narrado da seguinte forma: profundamente decepcionado com o resultado da adaptação de seu romance *Cleo e Daniel* ao cinema, Roberto Freire fugiu para a Europa por volta de 1970, onde assistiu ao espetáculo *Paradise now*, do grupo teatral Living Theater, e ficou maravilhado com a técnica empregada. Em conversa com o diretor do grupo, este lhe conta sobre as teorias de Wilhelm Reich, e Freire, então, mergulha apaixonadamente em sua obra. Voltando ao Brasil, Freire conhece o Centro de Estudos Macunaíma e, com Myrian Muniz, Sylvio Zilber e Flávio Império, pesquisa exercícios teatrais para desbloqueio da criatividade de atores, os quais descobriria também servirem para o desbloqueio das couraças musculares e da energia vital dos neuróticos em geral, passando a utilizá-los em grupos de terapia.

Ao analisarmos as trajetórias de Freire e da somaterapia, constatamos, tanto em sua autobiografia publicada (FREIRE, 2002) quanto em diversas outras passagens que versam sobre essas histórias, a mesma preocupação de dar sentido à narrativa apontada por Bourdieu em seu conhecido ensaio “A ilusão biográfica”:

o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. (BOURDIEU, Op. cit., p. 184)

Assim, o trabalho de memorar ordena e organiza os eventos do passado, buscando torná-los inteligíveis ao presente da construção retórica, de acordo

3 Wilhelm Reich (1897-1957) defendia que a neurose era causada por limitações ao potencial orgástico das pessoas e que o orgasmo total era condição primária para uma vida saudável (ALBERTINI, 2011). Suas teorias influenciaram enormemente as chamadas “terapias alternativas” emergentes a partir da década de 1960.

com as preocupações do autor quando da escrita, o que se relaciona intimamente com a identidade em construção no momento (BOURDIEU, Op. cit.; CATROGA, 2015; POLLAK, 1992). Compreendemos, portanto, a memória enquanto um “**fenômeno construído**” (POLLAK, Op. cit., p. 204, grifo do autor), conscientemente ou não, operando sempre de forma seletiva (CATROGA, Op. cit.).

Apesar do visível esforço de coerência, observamos nesses discursos diversas incongruências, levando-nos a compreender tanto a trajetória de Freire quanto a criação e o desenvolvimento da somaterapia como processos muito mais complexos e, por vezes, até mesmo contraditórios. Percebemos, pela análise e pelo cruzamento das fontes trabalhadas, que a somaterapia não foi criada em um momento determinado, mas ao longo de um processo diluído entre 1970 e 1977⁴, o que nos distancia dos esforços de Freire e outros somaterapeutas de encontrar uma datação precisa para a criação da técnica.

Mesmo reconhecendo que o nome **somaterapia** só surgiria em 1973 e que a técnica terapêutica em si só passaria a ser assim chamada em 1976, Freire (1988, p. 17) afirma, categoricamente, que “a Soma tem 16 anos” – ou seja, teria sua origem em 1972. Essa data aparece também em entrevista a Reimberg (Id., 2007, p. 18); porém, em *Tesudos de todo o mundo, uni-vos!* (Id., 1995) e nos dois primeiros números do *Tesão: jornal da Soma* (1993, 1994), publicado pelo Coletivo Brancaleone – grupo de somaterapeutas da década de 1990 –, consta 1970 como ano de criação⁵.

Segundo o ex-somaterapeuta Takeguma (2009), em seu cotidiano Freire costumava misturar datas “para ampliar a história de sua técnica [...], aumentando relatos, para torná-los mais atraentes e vívidos.” Porém, mais que artifício literário ou mero esquecimento, compreendemos esse esforço de Freire em precisar o nascimento da somaterapia também como uma estratégia de legitimação de sua técnica terapêutica. Tal estratégia pode ser melhor compreendida dentro do cenário de conflito que se constituiria a partir da década

4 Como toda experiência histórica, seja ela uma técnica terapêutica ou proposta científica ou política de qualquer forma, permitimo-nos a universalização antropológica de que se trata sempre de experiências em processo, nunca acabadas e se transformando continuamente.

5 Nesse último (TESÃO..., 1994), consta a criação da somaterapia já dentro do Centro de Estudos Macunaíma em 1970, o qual, como veremos a seguir, provavelmente não existia nessa data.

de 1980, quando as práticas alternativas de cura começaram a ganhar cada vez mais espaço, opondo-se, frequentemente, ao discurso médico institucional; ou dentro do cenário de disputas políticas e ideológicas do período ditatorial no Brasil, o qual confluiu com a emergência da contracultura e sua reinterpretação própria do pensamento anarquista.

Essa estratégia também pode ser percebida em uma narrativa que coloca a somaterapia como sujeito das orações, não mais criatura passiva de seu criador, mas agente de suas próprias transformações, como podemos atestar na seguinte passagem: “e foi nesses momentos que a Soma descobriu e confirmou na prática seus fundamentos teóricos e políticos” (FREIRE, 1988, p. 16). Em outro momento, a somaterapia aparece também como entidade existente até mesmo antes do encontro com Reich: “Foi através da vida e obra do austríaco Wilhelm Reich que a Soma comprovou as origens sociais e políticas da neurose” (FREIRE; MATA, 1993, p. 14). Na mesma linha, o contato com o Centro de Estudos Macunaíma também aparece como posterior à criação da somaterapia: “Fundamental também foi o encontro e convivência da minha pessoa e da Soma recém-nascida com os criadores e os frequentadores do Centro de Estudos Macunaíma, em São Paulo” (FREIRE, 1988, p. 17). Nos textos de João da Mata, um dos principais seguidores de Freire na atualidade, tais estratégias de legitimação também aparecem quando afirma a existência da somaterapia desde “quase” 1966 (MATA, 2006a, p. 202), ou que em 1967 esta já era “um embrião”⁶ (Id., 2006b, p. 276).

Assim, dá-se a impressão de que a somaterapia teria sido criada em algum momento anterior mesmo a suas próprias influências basilares. Sem elas, o único elemento que parece dar identidade à técnica terapêutica é a filiação a seu criador, o qual, por sua vez, é constantemente apresentado como um personagem de identidade estável⁷. Percebemos como a identidade

6 Em fontes da imprensa, a história da somaterapia também é aumentada. Em Camargos (1993), consta a criação em 1968, e em outra matéria consta que a terapia teria nascido “na cela do DOPS durante o regime militar” (FREIRE, 1992, p. D1).

7 Encontramos tais posicionamentos de forma mais explícita em Freire (1987, p. 162; 2002, p. 98), mas em grande parte de sua obra e de seus seguidores encontramos implícita tal tendência à naturalização de elementos como esses. Para uma análise mais aprofundada sobre o assunto, cf. Ferraz (2018b), especialmente os subtítulos “Adolescência libertária” (Ibid., p. 29-37) e “Revolução, política e anarquismo visceral” (Ibid., p. 164-192). Em Ferraz (2018a), há uma análise mais aprofundada sobre a naturalização de características libertárias através da categoria “protomutante”.

construída para a técnica terapêutica, malgrado o sustento em seu renome, repousa unicamente sobre seu criador, cujo nome aparece como **designador rígido**, garantindo, assim, não somente a estabilidade e a coerência do personagem Roberto Freire, mas também da somaterapia. Como pondera Bourdieu:

Por essa forma inteiramente singular de nomenclatura que é o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como **agente**. (BOURDIEU, Op. cit., p. 186, grifo do autor)

Por outro lado, por vezes o próprio Roberto Freire se contraria, corroborando nosso entendimento de que a somaterapia se construiu em processo. Em seu livro *Utopia e paixão*, escrito conjuntamente com Fausto Brito e lançado em 1984, os autores afirmam que as pesquisas de Freire “duram 13 anos e **vão originar o que ele chama de Somaterapia**” (FREIRE; BRITO, 1988, p. 110-111, grifo nosso), reiterando, portanto, a compreensão da somaterapia enquanto processo que ainda não se encontra finalizado em 1984. No prefácio desta mesma obra, Freire afirma que Brito, “com seu saber crítico e criatividade engajada, ajudou-me a formular, com este livro, parte do conteúdo político da Somaterapia”, ou seja, o conteúdo político da somaterapia, pelo menos em 1984, ainda se encontrava em formulação (Ibid., p. 10).

Do teatro, uma terapia

Percebemos, nas análises realizadas no item anterior, que as narrativas encontradas acerca da criação da somaterapia, mais do que evidenciar meros equívocos ou esquecimentos, acabam delegando às experiências de Freire junto ao Centro de Estudos Macunaíma um caráter secundário no processo de criação da técnica terapêutica. Como analisaremos a seguir, compreendemos que essas experiências tiveram um impacto crucial e basilar na constituição dessa terapia.

O contato inicial de Freire com as artes cênicas é muito anterior à criação da somaterapia. Frequentando “ópera, teatro e balé nacionais e internacionais” desde a adolescência (FREIRE, 2002, p. 26), Freire iniciou sua carreira artística no campo do teatro através da Escola de Arte Dramática (EAD) do amigo

Alfredo Mesquita, em fins dos anos 1950, inicialmente como professor e depois escrevendo a peça *Quarto de empregada*, estreada em 1958 (Id., 1977, 2002). A partir daí, seu currículo incluiria, entre outras experiências: a autoria da peça *Gente como a gente*, dirigida por Augusto Boal e com cenografia de Flávio Império, no Teatro de Arena (Id., 1977, 2002); a presidência da União Paulista da Classe Teatral no início dos anos 1960 e, logo em seguida, a presidência do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) (Id., 1977); a autoria da peça *Sem entrada e sem mais nada*, dirigida por Antunes Filho (Id., 1977, 2002); e a direção do Serviço Nacional de Teatro, em 1963, quando sofreu fortes críticas por dedicar-se à elaboração e execução do Plano Nacional de Popularização do Teatro, recusando solicitações de recursos financeiros para montagem de espetáculos comerciais (Id., 1977, 2002; CARVALHAES, 1963a, 1963b, 1963c).

Militando pela Ação Popular contra a ditadura militar (1964-1985), Freire aproximou-se ainda da juventude universitária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com quem participou da criação do Teatro da Universidade Católica (Tuca), que marcaria especialmente a trajetória de Freire no teatro. Como diretor artístico do Tuca, participou da montagem da peça *Morte e vida severina*, musicalizada pelo jovem estreante Chico Buarque, a qual alcançou grande sucesso no Festival de Teatro Universitário de Nancy (França), em 1966. Ainda nesse festival, escreveu a peça *O&A*, encenada com um caráter de protesto mais contundente contra a ditadura (FREIRE, 2002; SILVA, 2014; TUCA..., 1966).

A influência de sua trajetória artística na constituição da somaterapia também é evidenciada por Freire: o autor refere o teatro como primeira raiz/influência de sua técnica terapêutica, citando, nesse sentido, toda sua experiência nesse campo e enfatizando as montagens teatrais do Tuca, especialmente a última, de sua autoria, cujo desenvolvimento foi bastante influenciado pelas técnicas de expressão corporal aprendidas com discípulos de Rudolf Laban na Europa, como Maurice Béjart (FREIRE, 1991, p. 50). Por fim, atestamos a importância do teatro pela influência que o espetáculo *Paradise now* exerceu sobre Freire, marcando o “mito de origem” da criação da somaterapia, ao iniciar Freire nos estudos de Reich (principal influência teórica), e principalmente pelas experiências no Centro de Estudos Macunaíma (onde a técnica terapêutica efetivamente surgiu).

Em algumas fontes analisadas, o contato de Freire com o Macunaíma aparece no ano de 1972 (FREIRE, 1977; SIMÕES, 2011), e em outras no ano de 1974 (FREIRE, 1991; SIMÕES; RAMUS, 2011). Pesquisando pela data de criação do Macunaíma, a mesma imprecisão é encontrada, variando entre 1974 (CARVALHO, 2011; O TEATRO..., 2017) e 1973 (GORNI, 2004; KATZ; HAMBURGUER, 1999). Compreendemos esses dissensos como indicadores de que o Centro de Estudos, tal qual a somaterapia, formou-se a partir de uma experiência não institucionalizada a princípio, mais informal e espontânea, que se configurou como instituição com o passar do tempo. Freire, inclusive, corrobora essa interpretação ao lembrar que passou a não apenas trabalhar e pesquisar no Macunaíma em determinado momento, como também a residir naquele Centro com os demais integrantes (FREIRE, 2002, p. 285).

O Centro de Estudos Macunaíma foi criado, portanto, entre 1972 e 1974, por Myrian Muniz e Sylvio Zilber – antigos alunos de Freire na EAD e atores no filme *Cleo e Daniel* – junto com Flávio Império, que orientava externamente o grupo. O contato inicial de Freire com o Centro se deu a partir de um curso – ministrado em conjunto com Flávio Império, que já conhecia Reich – que seria “fundamental para o seu desenvolvimento pessoal e para a elaboração de seu método de trabalho” (Id., 1977, p. 341). Foi por meio desse contato que Freire (2002, p. 282) afirma ter “nascido” nele “a ideia de criar exercícios próprios para a Soma.”

Na prática, a somaterapia passaria a ser realizada, segundo Freire (Ibid.), como uma terapia de grupo, com quatro encontros mensais de cerca de três horas de duração cada. Na primeira metade de cada encontro, trabalham-se “exercícios corporais” que atuam “reduzindo a tensão crônica da couraça neuromuscular, desbloqueando a bioenergia e a criatividade dos participantes” (Ibid, p. 285). Esses exercícios “são jogos, brincadeiras” que “têm origem no teatro, na dança e nas brincadeiras infantis” (Ibid, p. 285). Na segunda metade do encontro faz-se a “leitura do exercício”, na qual os participantes conversam sobre o que sentiram, suas dificuldades, descobertas etc. (Ibid, p. 285). Percebe-se, portanto, que os exercícios que Freire começava a utilizar, que doravante seriam parte elementar de sua técnica terapêutica, foram fundamentalmente determinados pela vivência com os integrantes do Centro de Estudos Macunaíma. O próprio Freire,

em sua autobiografia, reconhece isso ao afirmar que a somaterapia “foi nascendo nesse ambiente”: “pesquisávamos juntos os exercícios para o desbloqueio da criatividade para o aprendizado do teatro e esses mesmos exercícios eu aprofundava e desenvolvia para a produção do desbloqueio neurótico” (Ibid, p. 285).

Esse reconhecimento também aparece em algumas produções de somaterapeutas e simpatizantes⁸ e no atual site da somaterapia⁹. Freire (1991, p. 57) considera, inclusive, sua experiência no Macunaíma como “tão ou mais importante para a Soma quanto os ensinamentos recebidos de Reich, de Bateson, de Cooper, de Perls e de Lowen”, as principais influências teóricas de sua técnica terapêutica. Ainda conforme o autor:

Assim, liderados por Flávio, Sylvio, Myrian e eu pesquisamos juntos, durante quatro anos, o que lhes poderia servir em teatro e o que me poderia ser útil em terapia. Desse trabalho nasceu a maioria dos exercícios de Soma. Era fascinante, para nós, constatar que o que era bom para desbloquear e desenvolver a criatividade era bom também para livrar as pessoas da neurose. Ficava, assim, claro para mim que, no fundo, a neurose constituía-se fundamentalmente em bloqueios à criatividade vital, inclusive a artística. (Ibid., p. 56)

Concordante, em dissertação na qual analisa a trajetória de Myrian Muniz, Carvalho (Op. cit., p. 90) também atesta a influência que Roberto Freire e sua nascente proposta terapêutica teve sobre a pedagogia teatral de Muniz:

Essa parceria [entre Freire e Muniz] foi responsável, provavelmente, pelo surgimento das primeiras ideias que geraram a Somaterapia, desenvolvida por Freire, e foi também determinante para que Myrian aprendesse a relacionar exercícios de teatro e propostas de experimentação psicoterapêutica, o que contribuiu para que ela desenvolvesse uma maneira muito própria de desbloqueio corporal e psicológico dos alunos-atores, visando, segundo ela, à formação teatral.

8 “A partir destes ‘jogos teatrais’ [pesquisados no Macunaíma] e da teoria reichiana é que a **Somaterapia** foi desenvolvida” (SILVA, 2015, p. 140, grifo da autora). “Seu surgimento deriva principalmente de uma grande pesquisa realizada por Roberto Freire e figuras como Sylvio Zilber e Miriam Muniz, no Centro de Estudos Macunaíma” (CAIAFFO, 2009, p. 86).

9 Segundo o endereço eletrônico da somaterapia, “a Soma nasceu de uma pesquisa sobre o desbloqueio da criatividade, realizada no Centro de Estudos Macunaíma, com as contribuições de Miriam Muniz e Sylvio Zilber” (BIOGRAFIA..., 2008).



Entrevistada por Carvalho (Ibid., p. 88-89), Myrian Muniz relata pessoalmente as influências recebidas:

O Macunaíma eu trabalhava com o Roberto Freire, que tinha sido meu professor de psicologia do ator na EAD. Ele era professor da EAD e psiquiatra! Então, ele usava os exercícios do teatro para desbloquear pacientes! Eu entrava como ego-auxiliar dele na terapia. Eu acabava de fazer o meu trabalho e subia para as sessões dele e dava exercícios de teatro para os pacientes. Comecei a misturar o que ele dava com o que eu dava no teatro. O que me influenciou no trabalho com o Roberto foram os exercícios de desbloqueio! Geralmente, a maioria dos pacientes era bloqueadíssima, reprimidíssima sexualmente, porque nossa geração foi muito reprimida.

Percebe-se, dessa forma, que para ambos, Muniz e Freire, as experiências e os exercícios corporais realizados dentro do Centro de Estudos Macunaíma foram determinantes para suas práticas profissionais seguintes, em uma influência recíproca e, provavelmente, ainda entrelaçada pelas práticas dos demais integrantes do grupo, como Sylvio Zilber e Flávio Império, citados por Freire.

Considerações finais

Neste artigo¹⁰, procuramos apresentar, brevemente, algumas das discussões realizadas em nossa pesquisa no tocante à análise das dissonâncias encontradas nos discursos de Freire, de somaterapeutas e simpatizantes acerca da trajetória da somaterapia e do papel desempenhado pelo Centro de Estudos Macunaíma nesse processo. Trouxemos, para isso, alguns trechos de obras de Freire e de somaterapeutas, analisando os processos de memória e identidade neles presentes sob a perspectiva teórica de Bourdieu (Op. cit.), Pollak (Op. cit.) e Catroga (Op. cit.), principalmente.

Ao analisarmos a trajetória da somaterapia, deparamo-nos com uma espécie de “mito de origem”, isto é, uma narrativa padrão que explica a origem da técnica e na qual os acontecimentos se desenrolam em uma ordem coerente, que faz sentido para os personagens envolvidos e narradores

¹⁰ Agradecimentos à estimada professora Beatriz Teixeira Weber pela supervisão e orientação na edição final deste artigo.

dessa história (BOURDIEU, Op. cit.; NORA, Op. cit.). Compreendemos essa busca por ordem e coerência como própria dos processos de memória e identidade (BOURDIEU, Op. cit.; CATROGA, Op. cit.; POLLAK, Op. cit.); no entanto, também compreendemos esses discursos – principalmente aqueles que buscam precisar a data de criação da somaterapia – como parte de uma estratégia, consciente ou não, de legitimação da técnica terapêutica frente ao cenário de disputas políticas e ideológicas da ditadura militar e, posteriormente, ao contexto de emergência das terapias alternativas e de sua contraposição às práticas de saúde convencionais.

Compreendemos, assim, que a somaterapia não foi criada em um momento preciso, mas em um processo diluído entre 1970 e 1977 e, principalmente, que ela não antecede suas influências fundamentais, como a teoria reichiana e, principalmente, as experiências teatrais dentro do Centro de Estudos Macunaíma, como transparece nos discursos memorialistas encontrados em nossas fontes. Entendemos esses discursos como parte de uma estratégia, consciente ou não, de legitimação da técnica terapêutica. Porém, ao defender que a somaterapia pudesse existir antes das experiências no Macunaíma, além de menosprezar a influência determinante recebida, esses discursos acabam dificultando a inserção dessa técnica terapêutica dentro da própria história do teatro brasileiro, como uma das primeiras terapias brasileiras de origem teatral.

Salientamos, por fim, que este artigo faz parte de uma pesquisa historiográfica maior, realizada com o objetivo de compreender como uma técnica terapêutica de pretensão anarquista e científica, a somaterapia de Roberto Freire, surgiu e se desenvolveu a partir do cenário da contracultura brasileira e internacional entre as décadas de 1960 e 1980. As relações entre Freire, a somaterapia e a cena teatral brasileira dos anos 1970 não constituíram, portanto, o foco de nossa pesquisa, embora as análises realizadas sobre elas tenham sido cruciais para compreendermos o emaranhado de fatores desencadeantes do processo de constituição dessa terapia frente aos discursos memorialistas dos personagens envolvidos. Neste artigo, procuramos, assim, apresentar algumas das análises realizadas nesse sentido com o intuito de contribuir para a compreensão das relações entre a contracultura, o teatro e as emergentes terapias alternativas da década de 1970, bem como fomentar novas pesquisas nesse âmbito.

Referências bibliográficas

- ALBERTINI, P. Wilhelm Reich: percurso histórico e inserção do pensamento no Brasil. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 61, n. 135, p. 159-176, 2011.
- BIOGRAFIA de Roberto Freire. **Soma**: uma terapia anarquista, Rio de Janeiro, 26 maio 2008. Disponível em: <http://bit.ly/2NXN25M>. Acesso em: 31 maio 2019.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 183-191.
- CAIAFFO, S. S. **Cartogramas de um terapeuta anárquico**. 2009. 134 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- CAMARGOS, P. Freire soma socialismo + anarquismo. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 29 set. 1993. Cultura, p. 1. Disponível em: <http://bit.ly/31z1iat>. Acesso em: 14 set. 2017.
- CARVALHAES. O que há de bom e de mau em “MMQH”. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 nov. 1963a. Ilustrada, Teatro, p. 4.
- CARVALHAES. Deram banho de água com açúcar em Ava Gardner. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 nov. 1963b. Ilustrada, Teatro, p. 4.
- CARVALHAES. Despediu-se do TBC a peça infantil. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 dez. 1963c. Ilustrada, Teatro, p. 4.
- CARVALHO, M. B. **Myrian Muniz**: uma pedagoga do teatro. 2011. 158 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2011.
- CATROGA, F. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- FERRAZ, G. S. Protomutantes na era da utopia: os coiotes anarquistas da somaterapia de Roberto Freire. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v. 7, n. 19, p. 22-42, jan./jul. 2018a.
- FERRAZ, G. S. **Somaterapia e contracultura**: criação e desenvolvimento de uma técnica terapêutica no Brasil dos anos 1970. 2018. 211 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018b.
- FREIRE, R. **Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu!** São Paulo: Símbolo, 1977.
- FREIRE, R. **Sem tesão não há solução**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- FREIRE, R. **Soma**: uma terapia anarquista: a alma é o corpo. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. v. 1.
- FREIRE, R. **Soma**: uma terapia anarquista: a arma é o corpo: prática da soma e capoeira. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991. v. 2.
- FREIRE, R. Um anarquista do cotidiano. **Diário de Pernambuco**, Recife, 19 set. 1992. Viver, p. D1. Disponível em: <https://bit.ly/2toVRyk>. Acesso em: 14 set. 2017.
- FREIRE, R. **Tesudos de todo o mundo, uni-vos!** São Paulo: Siciliano, 1995.
- FREIRE, R. **Eu é um outro**. Salvador: Maianga, 2002.

- FREIRE, R. A função do orgasmo. [Entrevista cedida a] Maurício Reimberg. **Cult**, São Paulo, 2007, p. 18-23. Disponível em: <http://bit.ly/3aAu3rH>. Acesso em: 14 set. 2017.
- FREIRE, R.; BRITO, F. **Utopia e paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- FREIRE, R; MATA, J. **Soma**: uma terapia anarquista: corpo a corpo. São Paulo: Sol e Chuva, 1993. v. 3. Disponível em: <http://bit.ly/2RVieDM>. Acesso em: 13 fev. 2017.
- GORNI, M. **Flávio Império**: arquiteto e professor. 2004. 205 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- KATZ, R.; HAMBURGUER, A. (org.). **Flávio Império**. São Paulo: Edusp, 1999. (Coleção Artistas brasileiros, 13).
- MATA, J. O anarquismo somático. *In*: FREIRE, R. **O tesão pela vida**: soma, uma terapia anarquista. São Paulo: Francis, 2006a. p. 202-208.
- MATA, J. Capoeira angola: a terapia pelo corpo. *In*: FREIRE, R. **O tesão pela vida**: soma, uma terapia anarquista. São Paulo: Francis, 2006b. p. 276-288.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-29, dez. 1993.
- O TEATRO Escola Macunaíma nasceu entre atores, para formar atores. **Teatro Escola Macunaíma**, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/3aGM7jX>. Acesso em: 2 jun. 2017.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SILVA, C. F. Morte e vida severina na ditadura militar: o anarquista Roberto Freire e o teatro como resistência. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 15., 2014, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2014. p. 1-15. Disponível em: <http://bit.ly/37pQkGD>. Acesso em: 11 ago. 2016.
- SILVA, C. F. **Arte e anarquia**: uma ética da existência em Roberto Freire. 2015. 284 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- SIMÕES, G. F. **Roberto Freire**: tesão e anarquia. 2011. 227 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- SIMÕES, G. F.; RAMUS, G. Um tanto de loucura, ou, como demos forma à exposição Roberto Freire: uma existência libertária. **Verve**, São Paulo, n. 20, p. 254-262 out. 2011.
- TAKEGUMA, R. Uma resposta a Fábio Veronesi. **Somaiê**, [s. l.], 16 dez. 2009. Disponível em: <http://bit.ly/2vp72rr>. Acesso em: 31 maio 2017.
- TESÃO: prazer e anarquia: jornal da Soma. São Paulo: Coletivo Anarquista Brancalone, n. 1, nov. 1993. Disponível em: <https://bit.ly/2UmA5GL>. Acesso em: 14 set. 2017.

TESÃO: prazer e anarquia: jornal da Soma. São Paulo: Coletivo Anarquista Brancaléone, n. 2, fev. 1994. Disponível em: <https://bit.ly/2OpHNfl>. Acesso em: 14 set. 2017.

TUCA: depois do sucesso, o prêmio máximo em Nancy. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 3 maio 1966. Segundo Caderno, p. 33.

Recebido em 27/01/2019

Aprovado em 18/10/2019

Publicado em 09/03/2020